

Ministério do Turismo

apresenta

Banco do Brasil e BB DTVM

apresentam e patrocinam

**BRA
SILI
DADE** **PÓS-
MODER
NISMO**
19 22 20 22

CADERNO CCBB EDUCATIVO



ANNA BELLA GEIGER Brasil, 1500-1996, 1996.

Gravura em metal, serigrafia, folha de ouro e lápis de cor. 43x55cm. Coleção da artista.

1922

BRA
SILI
DADE PÓS-
MODER 20
NISMO 22

Este caderno foi elaborado para a exposição Brasilidade Pós-Modernismo, que foi montada nas quatro capitais do Centro Cultural Banco do Brasil, em 2022. A mostra comemorava o centenário da Semana de Arte Moderna.

Você já parou para pensar como o movimento modernista influenciou a arte contemporânea brasileira nos últimos 100 anos?

Esta exposição apresenta o legado deste movimento por meio da produção de 51 artistas brasileiros de diferentes gerações, origens geográficas e etnias. Assim como na sobreposição de mapas de Anna Bella Geiger, na página ao lado, pensamos novas cartografias em que o moderno é reimaginado, somando as discussões atuais de representação social.

Em sua versão física esta peça gráfica foi impressa no formato de postais e aqui é adaptada como um caderno. Cadernos de mediação são como navegadores que buscam instigar o olhar daqueles que visitam as galerias e colaborar na leitura das obras, apresentando um pouco mais da poética de cada artista e seus trabalhos.

Do centro cultural para sua casa, este caderno te permite levar um pedacinho do que foi a mostra com você.

Boa leitura!

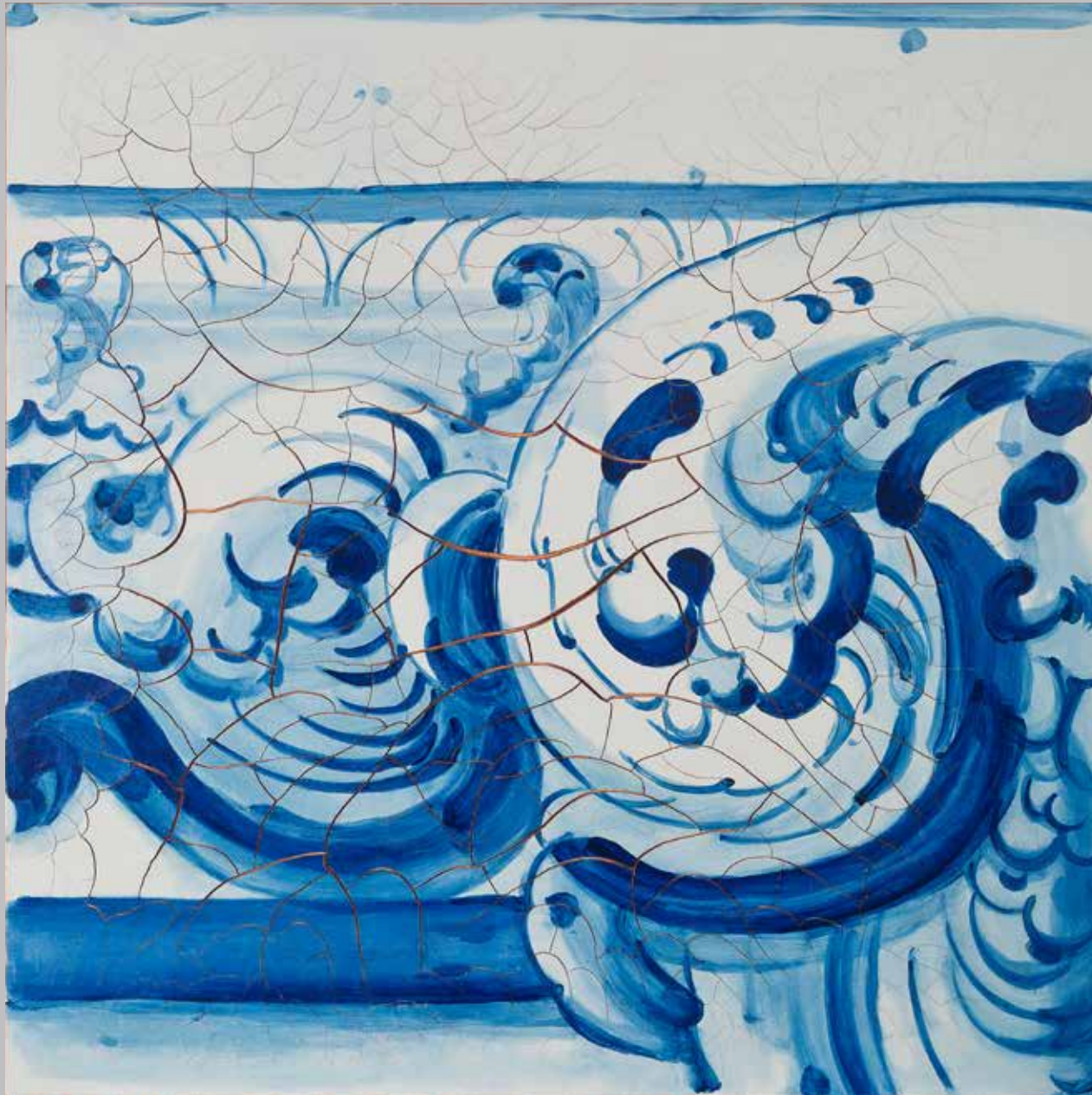


Foto: Jaime Acioli.

ADRIANA VAREJÃO *Voluta e Cercadura*, 2013.
Óleo e gesso sobre tela, 150x150cm.
Coleção particular, Rio de Janeiro.

ADRIANA VAREJÃO

(Rio de Janeiro, 1964) iniciou sua carreira na década de 1980. A artista traz referências da arte barroca e do período colonial: azulejos, como os das igrejas e palácios portugueses, mapas, louças da Companhia das Índias e cenas registradas por pintores viajantes são elementos desse passado, que contam uma nova história na sua obra. Através da apropriação e da recontextualização desses elementos visuais, Varejão questiona as teias sociais construídas, naquele período, e que, ainda hoje, são reproduzidas em nosso país.

OBRA EM FOCO

- A obra *Voluta e Cercadura* remete aos azulejos tradicionais portugueses, que eram comuns durante o período colonial brasileiro, e ornamentavam as casas da elite. Vendo as fissuras criadas por Adriana Varejão, podemos imaginar que são não só as marcas de uma cerâmica quebrada, mas também feridas. Em outros trabalhos da artista, vemos carne escorrendo dessas fendas.
- Os tradicionais azulejos portugueses têm, na maioria das vezes, a cor azul. Essa inspiração veio do século XV, quando os navegadores portugueses tiveram contato com as cerâmicas monocromáticas chinesas. No lugar de azulejos de 15 centímetros, essa pintura de Varejão tem um metro e meio, ou seja, é dez vezes maior.



CAMILA SOATO *Mané, Manet e Monet*, 2015. Óleo sobre tela, 250x450x4cm.
Coleção Sérgio Carvalho.

CAMILA SOATO

(Brasília, 1985) trabalha com a paródia, que é a citação cômica de uma obra já existente, em suas pinturas há referências a quadros famosos e imagens do cotidiano. Sua marca é um descuido proposital no acabamento, que valoriza as manchas da pincelada, os borrões e a tinta escorrendo. Ela fez parte do grupo de pesquisa *Corpos Informáticos*, que criou o termo “fuleragem” para o que é mal acabado, tosco, bizarro, fuleiro. Essa forma de pintar é uma provocação.

OBRA EM FOCO

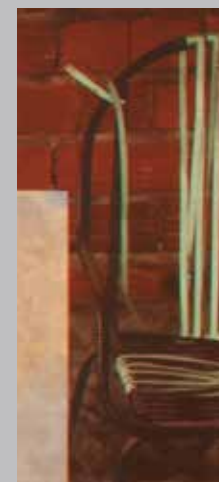
- Neste tríptico, a artista faz uma releitura da tela *Dejeuner sur l'herbe*, de Édouard Manet, trazendo novos personagens: na posição de um dos homens, Soato insere uma mulher nua calçando havaianas e, ao fundo, substitui uma mulher banhando-se em um córrego por uma pessoa com um galão d'água, marcando o deboche. Acrescenta um cachorro, uma santa com um manto LGBTQIAPN+, um Orixá e uma oferenda religiosa típica de religiões de matriz africana. Na parte direita do quadro, a artista pinta um autorretrato. As personagens femininas são provocadoras e protagonistas na obra da artista.
- O título *Mané, Manet e Monet* cita Édouard Manet e Claude Monet, do período impressionista. Camila Soato brinca com a sonoridade dos sobrenomes, adicionando a palavra “Mané”, que significa tolo, descuidado e ingênuo.



Foto: Jaime Acioli.

GÊ VIANA *Paridade*, 2020. Primeira camada Mantinha, fotografia de Gê Viana, 2020; segunda camada Koon-za-ya-me fêmea águia de guerra, pintura de George Catlin. 185x123cm. Coleção da artista.

Detalhes da obra:



GÊ VIANA

(Santa Luzia do Tidi | MA, 1886) cria num trânsito entre o quintal de casa e as ruas. É artista indígena do povo Anapuru Muypurá, no qual sua família se origina. Gê Viana usa imagens que ainda carregam traumas históricos do povo brasileiro, e vê a fotografia como forma de trazer outras narrativas que trabalhem possibilidades mais felizes. Suas lentes dão visibilidade a indígenas, negros, mulheres, *gays* e lésbicas. Ao misturar imagens da cultura colonizadora com seus registros, revela um novo corpo nas ruas por meio do lambe-lambe. A artista compreende que este movimento de devolver seus trabalhos para a rua é um tipo de formação social.

OBRA EM FOCO

- A obra *Paridade* fala das diferenças e semelhanças dos povos originários do Brasil, do que foram e o que são agora, e as causas dessas transformações. O que ficou para trás nisso tudo? A identidade ainda é a mesma? A obra traz o questionamento do lugar que indígenas e descendentes de indígenas ocupam na sociedade hoje.
- A pessoa fotografada por Gê Viana é Dona Mantinha, sabedora de muitas histórias do povo Anapuru Muypurá. Na outra imagem, de 1844, está “Koon-za-ya-me fêmea águia de guerra”, retratada por George Catlin. O pintor esteve na Amazônia em 1852.



CILDO MEIRELES *Inserções em Circuitos Ideológicos: 1 - Projeto Coca-Cola, 1970.*
Decalque. Dimensões variáveis. Coleção do artista.

CILDO MEIRELES

(Rio de Janeiro, 1948) iniciou sua carreira na década de 1960. Em 1970, a obra *Inserções em Circuitos Ideológicos*, uma série de trabalhos em que Cildo imprime frases subversivas em cédulas de dinheiro e garrafas de Coca-Cola, amplia o alcance da obra de arte do observador frequentador de museus e espaços culturais para a circulação em massa.

OBRA EM FOCO

- Na época em que esse trabalho foi feito, as garrafas de refrigerantes eram fabricadas em vidro. A empresa as recolhia e as reutilizava. Nas garrafas vazias, as frases impressas em branco por Cildo passavam despercebidas e os textos apareciam no momento em que elas retornavam às prateleiras dos supermercados cheias com o refrigerante preto. Como uma mensagem jogada em uma garrafa ao mar, o artista não sabia quem estaria recebendo sua obra.
- Eram impressos textos como “Qual o lugar da arte?”, instruções para construção de um coquetel molotov e o brado “*Yankees, go home!*” (“Yankees, vão embora!”), contra o imperialismo dos Estados Unidos. A Coca-Cola é um retrato da sociedade americana, não à toa as garrafas foram escolhidas como suporte.



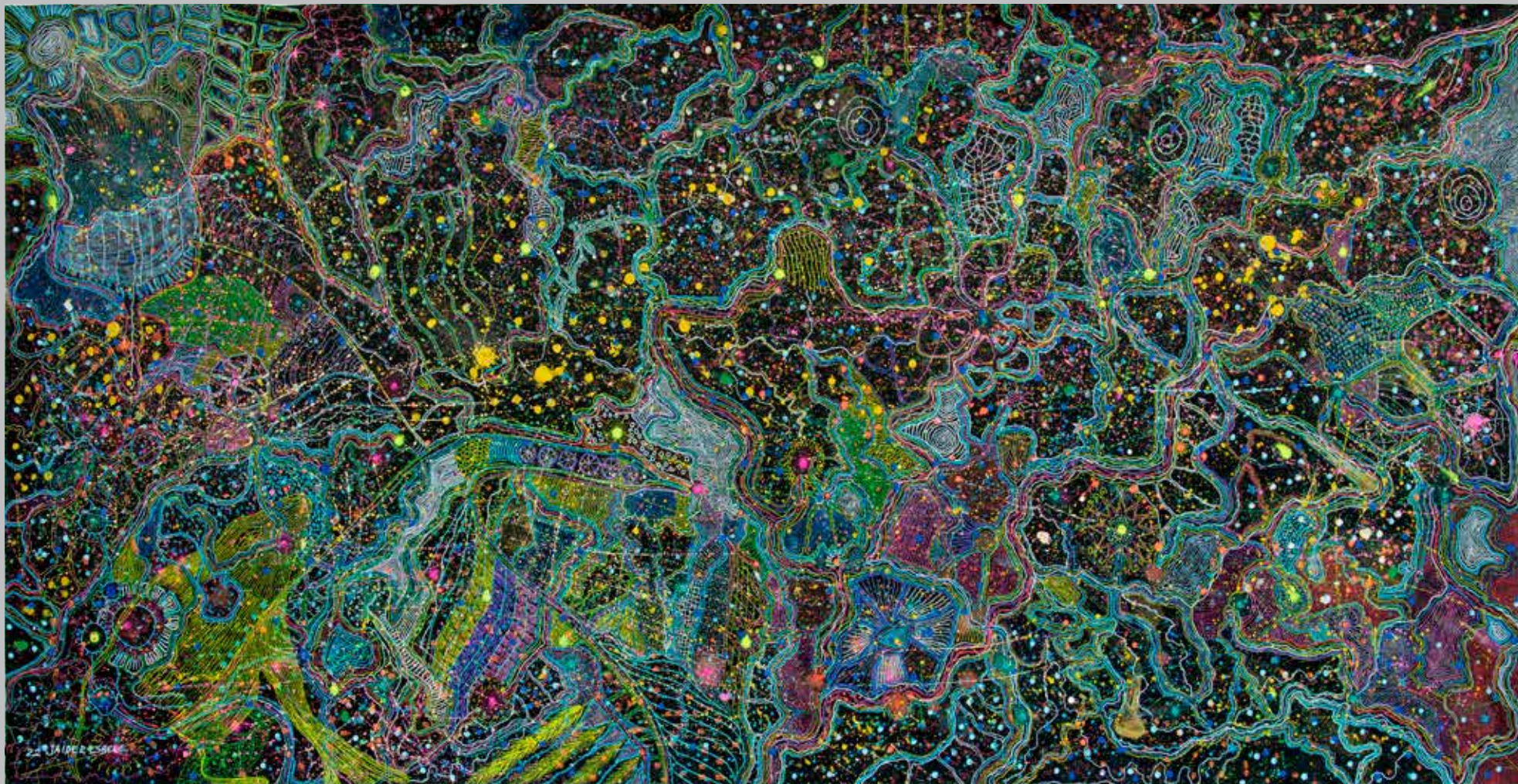
MAXWELL ALEXANDRE *Sem título*, 2019. Óleo sobre tela, 140x214cm. Coleção do artista.

MAXWELL ALEXANDRE

(Rio de Janeiro, 1990) fala, em sua produção, das vivências no dia a dia da cidade e da Rocinha, a maior favela do Rio, onde nasceu, trabalha e mora. Suas obras e séries têm títulos como *Éramos as cinzas e agora somos o fogo* e *Pardo é papel*. Maxwell fala sobre marra, empoderamento e autoestima e também explora questões ligadas à violência policial, às desigualdades sociais e ao racismo. O artista usa suportes tradicionais, como a tela e outros materiais do cotidiano, como lonas de piscina, papel-pardo, esquadrias de ferro e portas de madeira. E, para pintar já experimentou graxa de sapato e o henê de cabelo.

OBRA EM FOCO

- Esta tela faz parte da série *Festa de 500 anos* em que Maxwell Alexandre reproduz fotos publicadas na internet, em revistas e jornais. A obra faz referência à festa de uma *socialite*, realizada em Salvador, em 2019, onde havia mulheres caracterizadas como mucamas.
- Ali estão os vasos, as cadeiras de palha, e até o quadriculado do piso. Da foto original, os únicos elementos retirados são as faixas, a pulseira e colares dourados que ornavam o figurino das mulheres negras. Como é característico em seu trabalho, as figuras humanas são pintadas sem nenhum traço no rosto, o que potencializa o discurso de que o artista não está falando de um fato isolado. Maxwell retrata a cena sem fazer muitas alterações em sua estrutura, de modo que o fato ocorrido ainda volte à nossa memória, assim como as referências ao racismo estrutural da sociedade brasileira.



JAIDER ESBELL *A Visita aos Ancestrais*, 2021. Acrílica e caneta posca sobre tela, 111,2x225,7cm. Coleção do artista.

JAIDER ESBELL

(Normandia | RR, 1979 - São Paulo, 2021) é um artista e pesquisador indígena Macuxi, do território hoje conhecido como Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Pintura, escrita, desenho, instalação e performance: sua obra entrelaça as cosmovisões, conjunto de crenças e valores, do povo Macuxi, mensagens políticas dos povos indígenas, críticas à cultura dominante e preocupações socioambientais. Seu trabalho como artista, curador e “artevista”, como costumava dizer, trazia com força a ancestralidade e a espiritualidade de seu povo.

OBRA EM FOCO

- Jaider dizia: “As pessoas têm medo da escuridão e eu tenho tentado dizer que da escuridão nada mais pode vir senão a luz.”
- Em *A Visita aos Ancestrais*, as cores fortes trazem vibração à imagem. Esse efeito acontece porque o artista desenha com uma caneta posca, de cores fortes e contrastadas, sobre um fundo preto e opaco feito com tinta acrílica.
- No canto inferior esquerdo, em amarelo, vemos uma forma que lembra uma rã. Você consegue achar outras figuras camufladas nessa pintura?



NELSON LEIRNER *Missa Móvel*, 2001. Skate, figuras de gesso, de plástico, de resina, tinta, borracha e metal. 22x22x162cm. Coleção Sérgio Carvalho.

NELSON LEIRNER

(São Paulo, 1932 - Rio de Janeiro, 2020) iniciou sua carreira na década de 1950. Sua ligação com a cultura de massa, objetos cotidianos e a crítica às instituições de arte e outros sistemas de poder são características presentes em seu trabalho. Muitas de suas instalações e objetos artísticos partem de *ready-mades*, produtos prontos e fabricados industrialmente, baratos, banais, e muitas vezes considerados cafonas, que são apropriados pelo artista e ressignificados.

OBRA EM FOCO

- Em *Missá Móvel*, Nelson Leirner coleta figuras decorativas diversas como entidades religiosas, jogadores de futebol, brinquedos infantis e outras bugigangas e as reorganiza em uma fila sobre um skate, como em uma procissão sacra. Desta forma, trata da diversidade cultural brasileira e do sincretismo religioso, processo em que elementos de uma fé são incorporados à outra. Por estar montada sobre um skate, pensamos que essa procissão poderia estar em movimento.
- Leirner tem algumas versões dessa obra, tendo o skate como suporte para a procissão. Figuras maiores coroam a cena e ganham protagonismo na composição. Ao fundo, vemos Zé Pilintra, entidade negra que veste terno branco de linho, chapéu panamá com fita grená, como é a cor de sua gravata. Zé Pilintra é guia espiritual da Umbanda, associado à malandragem, à vida noturna e aos jogos.

CCBB DF

Setor de Cubes Esportivos Sul, Trecho 2,
Lt. 22 - Brasília, DF

Informações

(61) 3108-7600

Bilheteria


Entrada gratuita. Retire seu ingresso na
bilheteria ou no site bb.com.br/cultura

Horário de funcionamento

Terça a domingo, de 9h às 20h

Entrada gratuita

 /ccbb.brasilia

 @ccbb_df

 @ccbbbrasil

CCBB BH

Praça da Liberdade, 450 - Funcionários
Belo Horizonte/MG

Informações

(31) 3431-9400

Agendamento de grupos

(31) 3431-9440 / 9441

Bilheteria

Entrada gratuita.


Retirada de ingressos na bilheteria
do CCBB ou no site/app Eventim

Horário de funcionamento


Quarta a segunda: 10h às 22h

Terça: fechado

Entrada gratuita

 /ccbb.bh

 @ccbb_bh

 @ccbbbh

Central de Atendimento BB

4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC

0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

Redação

Camila Pires

Daniela Chindler

Isabela Ferreira Loures

Vinícius Zavalis

Produção

Talitha Dester

Design

Augusto Erthal



Lei de Incentivo à
CULTURA

Educativo


SAPOTI

Produção

Patrocínio


MAPA


BB DTVM


CENTRO CULTURAL

Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO


**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL